

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

DELFIN DE NORONHA

1.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA 19 DE FEVEREIRO DE 1881

NUMERO 8

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

## CHRONICA ALEGRE

Afinal o céo não é tão despidioso como os srs. dramaturgos convencionalmente o pintam.

Depois de entornar sobre as *steppes* do Ribatejo e outras não menos authenticas, mas muito mais desprotegidas, um douche que durou semanas successivas, alimentando noticiarios famintos, resolveu um bello dia supprimir o douche, que principiava a inquietar a lavoura e a provocar a poesia, e reconstruir a sua cupula de turquezas diluidas, de um azul luminoso e terno.

O reconhecimento das amendoeiras e a gratidão das olaias em face da benignidade do céo peninsular desata-se n'este momento em florescencias orvalhadas, que vestem gloriosamente os outeiros bordados de musgo e os valles toucados de madresilvas.

Ora é exactamente quando a preadivinção da primavera traz dos pomares, que sacodem das folhagens lustrosas os pingos da chuva e suspendem dos troncos refloridos as laranjas maduras, — como uma mulher bonita sacode as suas formosas tranças opulentas depois de immergir no banho —, e do vasto arvoredor umbroso onde serpenteiam avenidas embuscadas, que o outomno costuma juncar de folhas, (vide Millevoye) e o amor tem por habito encher de phrases canoras (vide corações sensíveis), a palpação de um ser que renasce e a musica de uma orchestra que vae ser executada pela boa Natureza rejuvenescida; é exactamente quando tudo acorda, sorri e canta que a morte tem o estúpido capricho de levar uma pobre rapariga, amada e moça!

A princeza Izabel Maria Maximiliana não foi mais do que a victima da tyrannia providencial que está pesando insolitamente sobre todas as princezas.

Ha como que uma conspiração latente do destino, que afia na sombra uma guilhotina estranha á alçada dos Robespierres e Dantons destinada a decepar estas bellas cabeças altivas, cingidas, fulgerantemente pelo diadema da realesa.

A princeza Izabel Maria, esposa do sr. D. Miguel de Bragança, o príncipe proscripto, provoca talvez mais do que nenhuma das suas mallogradas predecessoras a compaixão dolorosa que suscitam os grandes infortunios irreparáveis.

O sorriso angelico de bambina, á flor do qual cantam sonoramente como uma alvorada de rouxinoes, os beijos das mães, deveria exprimir nos labios da princeza o receio vago e a tristeza indefinida dos que morrem prematuramente.

Foi assim que a desditosa criança, obedecendo por ventura inconscientemente ao despotismo da sorte, não duvidou partilhar as alternativas pungentes de um exilio sem esperanza, morrendo agora, em plena mocidade, quando o santo orgulho de maternidade poderia constellar-lhe a existencia de jubilos ineffáveis.

E eis aqui como as princezas que morrem, depois de cubrirem de lucto as cortes da Europa, cobrem de pranto elegiaco uma *chronica alegre!*

O carnaval, porém, filho espurio das saturnaes e pae legitimo da bohemia, agitando a pandereta e assestando a bisnaga — uma tollice inventada, como muitas outras, pela industria franceza, não só para o fim louvavel de absorver algumas centenas de francos, como para o fim capcioso de multiplicar os defluxos, ampliando consideravelmente o consumo das pastilhas e rebuçados de althea — o doído carnavalesco, que enfia o dominó incolor, enfarinha a cara e põe alegria postiça, a tantas grammas por cabeça, em 72 horas, expressamente inventadas para o effeito; o mesmo que guincha e sapateia como um possesso, absorvendo a lama dos *trottoirs* nos pierrots encardidos de guarda roupa barata e indo depol-a á route, previamente alécolisada, ao som da gargalhada alvar e perante a

passameira indigena, nos salões dos theatros, tem tambem as suas regalias e exige as attentões devidas a uma personagem em honra da qual as filhozes incham nas frigideiras reluzentes e os cevados succumbem em holocaustos obscuros.

Saudemos pois a Magestade de pechisbeque que passa!

\*  
\*  
\*  
AO SEculo

Delicioso!

Com que então, *Seculo*, recusaste a mão leal que te offereci . . . conditionalmente, peço-te em compensação que me dês o pé, meu loiro.

Republica, joven esperançoso, não é positivamente má criação, e não foi decerto o 92 que revolucionou a Europa, aperfeçoando os homens e dilatando os horisontes da investigação scientifica e da regeneração social, que te suggeriu o expediente *gamin*, digno de um *pierrat* de baile de mascaras reles, de arrancar o *loup*, sem autorisação prévia, á pessoa que o usava.

Faço justiça plena a essa bella theoria generosa.

Infeliz Republica! para expiação dos seus peccados bem lhe basta ter sido tantas vezes renegada, como Christo, quanto mais aturar agora a imputação d'estes republicanos ingenuos, que dão vontade de . . . rir

Escuta, cidadão, como eu não posso acompanhar-te, felizmente, pelo atalho escuso da troça, declinando o encargo, se tanto for mister, na pessoa que para todos os effeitos me representa n'esta redacção, sou forçado a ausentar-me.

Offerecer-te-hei, no entanto, em memoria d'esta questiuncula banal, uma charada, prometendo desde já ao decifrador um rebuçado de ovos . . . de estalo.

— Em que se parece um cretino insolente com um jornalista pretencioso?

DELFIN DE NORONHA.

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão.

MINHA ILLUSTRE SENHORA. — Aproveitando-me do seu honroso convite, envio-lhe esse reloque quasi superficial da lyrica 505 da «Vaticana» do Dr. Theophilo Braga. Ouço n'essa elegia a voz da natureza. Nada mais natural que a profundidade de um primeiro amor; nada mais natural que a virgem revelar apenas os mysterios do seu coração ás suas amigas intimas; estimar a sua formosura como encanto, não dos seus olhos mas dos olhos do seu amante, e perdida a esperanza de o tornar a ver, ou antes de tornar a ser vista por elle, desprezar essa formosura e seus adornos.

Quanto mais leio essa elegia na preciosa restauração do meu amigo e eminente escriptor Theophilo Braga, mais a admiro, e deve ter sido composta por mulher. A forma é elegante, e aquella nota constante em todas as estancias do verso medio e extremo, aquella negação tambem constante em todas as estancias — *Nunca, nunca mais* — que no original é ainda mais uniforme, é de um achado feliz para todos os ouvidos e todos os corações, como grito, naturalmente, monotono, de uma dôr perpetua e irreparavel.

O *coytado* no original é evidentemente um erro typographico. O *ay mesela* é — ai misero! que ainda muito povo diz *misera*. Não me parece tambem que as *nhas toucas da Estrela* sejam senão da Serra da Estrela, onde ainda hoje se fabrica o linho primorosamente.

Peço desculpa a V. d'estas escusadas reflexões, e sempre ás suas ordens como

De V., etc.  
JOÃO DE DEUS.

## DESALENTO

OFFERECIDO AO DR. FRANCISCO FERRAZ DE MACEDO

Trago uma scisma comigo:  
 Não torna o meu caro amigo!  
 Triste de mim, que farei!  
 Cabello já o não ligo...  
 Nunca mais o ligarei!

Lá se finou em Castella...  
 Vêde que desgraça aquella!  
 Ou lá m'o detem el-rei!  
 Toucas da serra da Estrella...  
 Já nunca mais as porei!

Se um ar alegre assemelho...  
 Ai amigas, sem conselho  
 Nem juizo... que farei!  
 Já me não assomo ao espelho...  
 Nunca mais me assomarei!

Ricas prendas! todas ellas  
 Me deu elle... sim, donzellas  
 (Que não vol-o negarei!)  
 Ai meu cinto de fivellas...  
 Nunca mais vos cingirei!

JOÃO DE DEUS.

## BREVES REFLEÇÕES SOBRE O DIVORCIO

N'uma das manhãs d'este ultimo janeiro, com o espirito abstruso por um invencível *spleen*, entrava no meu consultorio; e após a leitura das cartas, que vinham marcadas com o caracteristico—urgente—e que sollicito anticipo ás demais, tive a honra de lèr a de v. ex.<sup>a</sup>, em que me pedia um artigo qualquer, firmado com o meu humilde nome para o seu appetecido jornal—*Ribaltas e Gambiarras*.

Surprehendeu-me agradavelmente; e quando, suspenso n'um vago ideal, como a vista se dilata n'um largo horizonte, procurava assumpto para corresponder a tão gracioso convite, sai de tal abstracção á voz d'um beleguim judicial, que me intimava para comparecer no tribunal da Boa Hora como testemunha perguntada n'um caso de separação de conjuges.

Embora o enguiço de tal commissão, para mim sempre repugnante, e indecorosa, senti-me, como o nauta, que vislumbra no firmamento a estrella da sua derrota, providencialmente inspirado no thema do meu artigo.

Era de theor a requerer espirito mais auctorizado, e penna melhor, mas suppram os meus bons desejos as insufficiencias d'este escripto.

A civilisação moderna, que procura saber e melhorar tudo para governar bem, devêra prover-se de um codigo especial que, além de prevenir e refrear tantos dasaires e males, occasionados pelo estupro, e prostituição clandestina, reformasse as sessões de julgamento n'esses dramas infames e indecentissimos.

Essas miserias sociaes devem esconder-se á publicidade, como se occultam as ulceras asquerosas e infectas á vista, e á contaminação.

Antes porém de tratarmos da separação entre conjuges, suas causas e consequencias, e do divorcio, que é a dissolução do casamento; um acto solemne, que a egreja consagrou, que o codigo civil protege, a sentença do juiz abroga, e o tribunal exaera, diremos algo do homem e da mulher antes e depois do consorcio.

O homem e a mulher, á parte as crenças religiosas, são dois entes da mesma especie, formados pelo mesmo modelo e typo organicos, animados dos mesmos affectos, com eguaes necessidades, só differentes nos sexos, em que intima e mysteriosamente se completam, reproduzindo-se, e perpetuando-se nos filhos. O amor é a chave que lhes abre ou fecha a felicidade da vida social, para que já foram destinados.

O homem, mais livre de pensões da familia, menos affectuoso, e impressionavel, mais propenso ao egoismo, e á sensualidade, offerece á mulher um amor menos estavel, e modificado por qualquer motivo, que o domine nas suas relações com a sociedade, que representa e governa: são protogonistas necessarios n'esse complexo drama, a que chamamos vida, aonde cada um exhibe o papel, que escolhe, ou lhe foi distribuido. Ambos formados um do outro, e um para o outro, são identicos no coração, e no cerebro, na intelligencia e nos sentimentos, unidos pelo amor para viverem juntos, e agradaveis, obedecem a uma lei final—a procreação da familia, e fundamento das nações. São dois raios da mesma luz a convergir para um foco: a dualidade d'uma unidade primitiva; duas ametades de um todo, que a natureza une, e que o ideal e a sociedade muitas vezes separam. Ambos teem em si a aspiração do bem, embora differente seja a essencia das suas individualidades. Amam-se, admiram-se, encontram-se n'uma sympathia, ou se repellem n'um desdem, mas procurando-se sempre que o coração os incite.

É porque sendo o homem e a mulher os symbolos do progresso na historia dos tempos—não obstante as civilisações, no mundo moral aquilutam-se pelos mesmos affectos; unem-se pelo amor, e pelo casamento, mas passada a volupia dos prazeres, que devêra durar a existencia terrestre, desnorream da felicidade domestica, ou conjugal para se aborrecerem n'um odio fundo, e desfolhar a corôa de esposos, ou quebrar o vinculo de amantes.

É porque o homem, abusando da sua auctoridade, e exclamando—a força é o direito—quer a mulher escrava.

E a mulher, maltratada, e trahida, reagindo contra a tyrannia do homem, exclama—o direito é a força—e quiz-se independente!

E ambos, mordidos pela offensa, reclamam os seus direitos, e rasgaram o codigo do amor.

É que a mulher, com as lagrimas e sorrisos, armas com que vence, offerece-lhe a flôr das suas caricias, que o homem, depois de gosar, emmurchece entre os desdens e desabrimentos da sua prepotencia. É porque o homem, abusando da supremacia social, não se lembra que a mulher é sua igual perante Deus, e a razão; nem mais, nem menos, nem superior, nem inferior;—d'essa humilhação, que ella tacitamente soffreu, nasce a serpe da discordia, que lhes envenena toda a vida domestica.

Libello terrivel de represalias, que muitas vezes suscita a guerra entre os consortes.

Os utopistas, que sonharam a perfectibilidade absoluta do homem e da mulher, e a sua independencia, comparo-os eu a esse grupo de maniacos, que endoideceram á cata da pedra philosophal.

Platão morreu no ideal do seu amor; Socrates dissolveu com o sumo da cicuta o laço conjugal; Byron expirou endoosando a liberdade n'um enlevamento; n'uma imprecação; n'um hymno evocaram a mulher.

E a mulher, embora a discussão dos sabios, e o lyrismo dos poetas, ha de occupar, conforme a evolução social, o seu lugar de respeito, e a cathogoria, que lhe pertencem.

Da abstrusa escravidão, que a obrigava a immolar-se sobre o tumulto do marido, elevou-se á idolatria dos jogos olympicos; da emancipação christã subiu á primazia dos torneios; dos congressos academicos proclama a sua futura independencia social.

D. Quixote foi ridiculamente o seu ultimo paladino; Stuart Mill, o seu extrenuo e moderno campeão.

A mulher é a phenix renascida; na America orienta-se o sol da sua emancipação.

É porque não ha de a mulher, á luz das civilisações, libertar-se do jugo odioso, que a sociedade lhe impõe.

Não pôde ser util a si e á sua nação!? Para ennobrecer-se e louvar-se precisa do homem?

Não é na belleza ephemera e instavel que deve firmar o seu throno, é na benevolencia de affectos, na grandesa moral, na supremacia do talento que deve grangear os meios de se dignar, e quebrar os elos da oppressão. Ella, como o propheta, pode dizer com satisfação:

«Deus est in nobis!»

Dentro da esphera do seu destino, no cumprimento dos seus deveres, a mulher é nobilissima—nos affectos de esposa e de mãe, de educadora dos seus filhos, de zelosa, e economica administra-

dora dos seus bens e alfaias domesticas, no governo da sua casa, em que deve ser modelo, porque d'ahi deriva muitas vezes a felicidade domestica, e o futuro d'uma familia. Nas aspirações de gloria póde luzir como um astro brilhante; nas obras de caridade pode elevar-se como uma pyramide de vasto horizonte. Como heroína, cuidando os feridos nos campos de batalha, e nos hospitaes de sangue: como anjo de caridade amparando o velho invalido e faminto; agasalhando a criança, que a prostituição deitou á rua.

A mulher, além de companheira do homem, é sua rival nas lidas do corpo e do espirito, e a sua competidora na celebridade.

E por que não ha de a mulher ser lida e versada nas sciencias, e nas lettras, ter escholae, aonde aprenda, e ensine; dedicar-se ás profissões e ás artes; ao commercio; á industria; a todas as occupações compatíveis com a sua organização, e esforço?

Ser util a si, necessaria á sociedade, agradável e singular nas aspirações do seu genio?

Não encontraes em cada pagina da historia antiga e moderna exemplares frisantes de mulheres conspicias na sabedoria, na virtude, e na heroicidade!?

Falta-lhes cerebro bastante para pensar, coração para sentir, e resolução para nobres e grandes actos?

A mulher, em geral, vive constringida, coacta, e n'uma ignorancia supina.

Falta-lhe tam sómente a instrução, que é o meio; a educação, que é o fim. «*Bonam et pulchrum*».

Falta-lhe o ensino litterario, artistico e scientifico, e a consideração devida para incentivo e estímulo das grandes obras, e muitos commettimentos, a que pode ir.

Educada porém em reclusão, sujeita com rispidez, aprende somiticamente o quanto basta para rabiscar o rol da roupa, dedilhar no piano e estropear o francez; isto a que teve uma educação regular e aprimorada, e a que menos se preparou para o arranjo, economia, e governo da sua casa, porque lhe inculiram a falsa ideia de que uma senhora só deve cuidar das garridices da *toilette*, sem lhe importar os encargos do *ménage*. Assim ignorante, e inexperiente, sem os conselhos do pae, e as lições da mãe, sobre o seu futuro, e as realidades da vida, que a possam escudar dos perigos á sua castidade, e desatencões do mundo, quando a idade adolescente lhe faz entrever os mysterios do amor, acendrada pela vaidade, que é a pecha mais fatal do seu sexo, tendo perdido o tempo, e pervertido o espirito com a leitura de romances piegas ou libertinos, escutado curiosamente todos os contos das senhoras visinhas e novelleiras, presenciando a pasmaceira de namoros inconvenientes, ruminando na imaginação as facecias, chulices e *quiproquos* das comedias indecentes, que hoje mais se gostam, d'este modo preparada, sem a voz da amizade, que a avise e conforte nas suas illusões, ouve as confidencias de criadas impudentes, as insinuações indiscretas de falsas amigas, e d'esta sorte polluindo o natural pudor, entre uma fingida innocencia, e uma ignorancia audaz — já mulher sem virtude espirital, como flôr sem aroma, cae na levada d'uma perdição irreparavel, ou d'um matrimonio infeliz.

E os paes quantas vezes são responsaveis pela infelicidade das filhas com a falta de educação, que lhes deram e porque a tempo as não preveniram e fortaleceram contra as fascinações do mal.

A todas estas causas deve a mulher o menos respeito, em que é tida, e a fama inconsequente da sua fraqueza, inconsistencia, e incapacidade de governar-se, e gerir os seus bens; o que não depende da sua inaptidão physica, moral ou intellectual, porém sim do seu ensino irregular e influencia dos costumes, que apearam do pedestal a boa dona de casa, ou, como diziam os antigos — a patrão.

DR. LUIZ BALDY.

## ATRAVEZ DO BINOCULO

### Theatro do Gymnasio

JOÃO O CARTEIRO, drama em 5 actos e 7 quadros, traduzido por Ferreira de Mesquita.

O theatro do Gymnasio, pondo a mira em receitas pingues, que encham de visões aureas os sonhos dos empregarios *aux abois* deu-

nos a *reprise* do João o carteiro, um velho dramalhão obeso, cheio de situações inverosímeis e de tiradas idiotas.

O Gymnasio, que tem a felicidade de contar no seu pessoal os dois primeiros actores comicos do theatro portuguez, Tabora e Antonio Pedro, e uma das primeiras caracteristicas a actriz Barbara? e que podia por conseguinte, melhor do que nenhum outro theatro, crear um repertorio moderno de comedias alegres e espirituosas, correspondendo assim aos seus intuitos e mantendo as tradições que o nobilitam, não faz nada d'isso e prefere despenhar-se no drama-lhão, que não diverte nem converte, demonstrando assim que existe uma cousa ainda mais insupportavel do que o mau gosto do publico, é a ignorancia do empregario.

Não vale a pena analysar a peça, sufficientemente conhecida e traduzida com esmero pelo sr. Ferreira de Mesquita.

E' um drama, como muitos outros, que arrancaram soluços hystericos ás Elisas da rua Augusta, no tempo em que os bandolins desferiam, em louvor seu, amantes trovas, rimando-as com *doces brisas*.

Referir-nos-hemos exclusivamente ao desempenho, que, á parte algumas desafinações imperdoaveis, é em geral satisfactorio.

Especialisaremos Antonio Pedro, esse maravilhoso artista *hors ligne*, que fez do pequeno papel do sargento inglez uma creação admiravel.

Eloy, se nem sempre esteve á altura do personagem, resgatou completamente todos os senões no quadro da prisão, que interpretou com elevada intuição artistica, tendo na voz a commoção natural e a dor sincera adequada aos sentimentos que punham o coração de João o carteiro.

Pola salvou-se, pelo talento incontestavel que possui, do ridiculo inherente a um lord mair de calções encardidos e farda desbotada? muito proprio para figurar em um baile de mascaras pelintra, mas perfeitamente irrisorio para as exigencias correspondentes á rubrica do auctor.

Beatriz pareceu-nos contrafeita no papel de Leonor.

Bayard figura no drama como Pilatos no credo. Barbara, muito bem, como sempre.

Gil, que tem a especialidade dos patifes, execrados pelo espectador candido e pelas meninas sentimentaes, colheu a somma de maldições indispensaveis para afirmar a sua vocação malifica.

### Theatro dos Recreios

AS PENAS DO PURGATORIO — comedia em tres actos, traduzida por Quirino Chaves. — O DIABO ATRAZ DA PORTA, comedia em um acto.

Parte dos artistas que ficaram sem escriptura em virtude da actriz Emilia Adelaide ter suspendido os seus espectaculos e outros que não a tinham desde o principio da epoca conceberam a feliz idéa de se associarem e trabalharem em commum. Escolheram para o effeito o theatro dos Recreios, e, devidamente auctorizados pelo proprietario, abriram no domingo, 13, a nova epoca d'essa casa de espectaculos.

Subiram á scena as comedias *Penas do purgatorio* e *O diabo atraz da porta*.

As *Penas do purgatorio* assemelham-se extraordinariamente ao *Purgatorio de casados*, que se representou ha tempo no Gymnasio, e tem a mesma proveniencia, pertencendo ambas ao repertorio italiano.

O sr. Quirino Chaves, que possui a especialidade dos *arreglados*, transplantou habilmente os tres actos alegres e vivos da comedia para a temperatura indigena.

As *Penas do purgatorio* exploram o elemento comico, que fornece ha tanto phrases aos localistas e assumptos aos comedigraphos, passando por esse simples facto de ser um elemento comico a ser um elemento massador, resultante das malquerenças entre sogros e genros, e exploram-o com bastante graça e por vezes com alguma originalidade.

O fim do 2.º acto, por exemplo, em que o genro pega no sogro, pega na sogra, como se elles fossem dois bonecos de trapos, fecha-os á chave e leva por ultimo a mulher desmaiada, é engraçadissimo e obteve um grande exito de gargalhadas.

O desempenho por parte de Valle, Luciano, Salazar, Verdial, Gaspar, Maria Joanna, e Palmyra foi optimo, sobressaindo Valle que fez do papel do sogro uma verdadeira creação.

O publico que enchia a sala riu muito, não applaudiu menos, e chamou por ultimo o traductor e os artistas, victoriando-os e instigando-os a proseguir.

A reprise do *Diabo atraz da porta* valeu uma ovação ao actor Valle.

É deliciosa a cara que Valle arranja para estes creados lorpas, cuja missão consiste em embrulharem os *ménages* enredando-os em intriguinhas velhacas, condimentadas de interjeições idiotas, fazendo exactamente o contrario do que se lhes ordena, creados de melena hirsuta e niza de riscado que não apparecem hoje senão nos entremezes e diante dos quaes recuam fidalgamente enojadas a casaca preta e a gravata branca do creado moderno.

Continuam mesmo assim, a brilhar os antigos creados na farça genuina, mercê do extraordinario talento comico de Valle e Ribeiro, dois caracteristicos de primeira plana.

O merecimento da comedia, que não vale nada, resume-se no actor Valle... mau, lá perpetrámos, embora inconscientemente, um trocadilho! *Mea culpa!* Castigue-nos, leitor, dispensando a nossa informação officiosa e indo aos Recreios *ver e crer*.

G. T.

---

### BIBLIOGRAPHI

A sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torreção, nossa collaboradora effectiva, recebe uma carta da grande escriptora franceza, Madame Julietta Adam, redactora da *Nouvelle Revue*, auctorizando-a a traduzir todas as suas obras e todos os artigos publicados na *Revue*, que é hoje um dos mais brilhantes orgãos modernos da imprensa franceza. A redacção das *Ribaltas* agradece a madame Adam o seu gracioso offerecimento, que aproveitará, deliciando os leitores com uma serie de artigos primorosos, devidos á penna delicada da successora de madame de Girardin.

\*  
\* \*

A auctora do *Portugal de relance*, que tanta bulha fez em Lisboa, e cuja traducção, auctorizada por madame Rattazzi, está sendo impressa em portuguez, deu no dia 6 do corrente, em Paris, um elegante sarau litterario. Representaram-se duas comedias originaes da princeza Rattazzi: *Le portrait de la comtesse* e *Une soirée à Coppet*. Entre os numerosos convidados achava-se Lesseps, o prefeito de policia, Alberto Gigot, Campbell Clarke e muitos outros. Madame Rattazzi apresentou-se na ultima recepção do Eylseu trazendo uma toilette de sensação e trazendo a tiracollo a banda de *Maria Luiza* de Hespanha, que conta rarissimas titulares em França. Possuam-n'a a sr.<sup>a</sup> Thiers, a duqueza Decazes e ultimamente foi agraciada com ella a sr.<sup>a</sup> Lesseps.

O prefacio da traducção em que a auctora responde á critica portugueza, vai ser exposto á venda por estes oito dias. A edição do *Portugal de relance* pertence á livraria Zeferino, onde se recebem desde já quaesquer requisições.

\*  
\* \*

Prevenimos os nossos leitores que não possuam ainda o *Almanach das Senhoras* para 1881, que a edição não tarda a esgotar-se, sendo já poucos os exemplares que restam á venda. A livraria Zeferino remette o almanach a quem lhe enviar 260 réis em sellos do correio.

\*  
\* \*

Acaba de ser distribuido o n.º 52 da *Moda Illustrada*, acompanhado de um supplemento de figurinos coloridos, folha de moldes e debuxos. A parte litteraria é, como sempre, elegante e espirituosa. Recebem-se assignaturas para esta excellente publicação na empreza *Horas Romanticas*, rua da Atalaya.

\*  
\* \*

Está em Lisboa o nosso apreciavel collega, redactor da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, o sr. Henrique Chaves; acompanha-o sua ex.<sup>ma</sup> esposa. O distincto jornalista regressa de uma viagem pela Italia e França, tencionando depois seguir para o Rio de Janeiro, onde tem a sua residencia.

\*  
\* \*

No dia 10 de junho de 1880 inaugurou-se solemnemente em Uteraba, Minas Geraes, uma nova associação, sob a denominação: *Club Litterario Uterabense*. Por proposta do sr. Gaspar da Silva, um orador fluente e eloquentissimo, submettida á assembléa geral e approvada por unanimidade, foi conferido o titulo de socio honorario ao redactor das *Ribaltas*.

Agradecemos.

\*  
\* \*

Guilherme de Azevedo está escrevendo em Paris um livro que deverá fazer sensação. Intitula-se *Guia Illustrado de Paris*, e conterá, alem das indicações inherentes aos roteiros de viagem, uma revista minuciosa da vida parisiense estudada sob todas as suas multiplas fases, no boulevard, no café, na escola, no baile, no restaurant, no theatro, etc., seguida de uma serie de *croquis* arrancados ás personagens que frequentam esses logares. O novo livro de Guilherme de Azevedo será illustrado pelo lapis espirituoso de Raphael Bordallo.

\*  
\* \*

De novo recommendamos aos nossos amaveis leitores e assignantes a *Messagerie de la presse*, estabelecida na rua Aurea, 146, 2.º, e da qual é proprietario e director o sr. Cesar de Noronha. Recebe ella todos os primeiros jornaes da França, Italia e Hespanha, vendendo-os avulso ou por assignatura de series de 10, 20 e 30 numeros.

---

### CARTEIRA DE PRUDHON

Um usurario ajustando um creado:

- Vamos lá a saber, quanto ganhava na casa onde esteve?
- Ora, meu senhor, não me pagavam nada!
- Sim?... Pois eu pago-lhe o dobro.

Á porta do Martinho.

Dialogo entre dois litteratos da escola nova:

- Oh! diabo, mordi a lingua!
- Misericordia! Vais morrer envenenado!

Perguntaram a um celibatario se gostava de creanças.

- Muitissimo! Principalmente se são malcriadas.
- Ora essa, porque?
- Porque em tal caso os paes escondem-n'as.

Um avarento offerece a um amigo uma taça de Sévres, unica que lhe restava do apparelho, e essa mesma já sem pires.

O amigo:

— Agradeço-te a lembrança; vem mesmo a talho de fouce, porque justamente eu tenho um pires sem chavena.

O avarento, depois de reconsiderar:

— Olha, n'esse caso, manda-me o pires para a minha chavena; ficaremos ambos remediados.

---

### THEATROS DE PARIS

Em volta da *Korrigana*, bailado em dois actos que ha poucos dias subiu á scena na Opera, faz-se n'este momento todo o ruido de que é susceptivel o reclame inspirado pelos olhares do corpo de baile.

O libretto da *Korrigana* é do François Coppé, um poeta muito delicado de pequeninas obras muito parizienses.

As korriganas são uns seres excentricos, umas lendarias appareções da Bretanha, que de quando em quando praticam o maleficio de obrigar uma mortal a dançar toda a sua vida. Yvonnete, uma pobre rapariguinha, depara um dia no seu caminho com uma velha alquebrada, que mal pode sustentar um feixe de lenha que traz á cabeça. Yvonnete auxilia-a e a velha chega-se para o pé d'um bastidor da Opera, colloca-se a geito, e a gente, não obstante toda a perfeição do machinismo, avista uns cordeis que puxam diligentes a serapilheira que a bruxa traz vestida, surgindo então aos nossos olhos uma creatura um pouco rasoavel como cara e extremamente phantasiada como *toilette*. É a rainha das Korriganas. Yvonnete desde este momento faz parte d'esse corpo de baile phantastico, que se agita entre as ramadas das arvores seculares, entre os dolmens da Bretanha, na lendaria Armórica.

Mas Yvonnete não estranha o seu novo modo de vida. Ao contrario, logo no começo do acto, ella e vinte bailarinas da opera tem dançado diante do burgo-mestre uma *sabotiere* que é applaudida não só por todos os figurantes como pelo proprio sr. Julio Grevy, o austero presidente da republica, que assiste ao espectáculo na companhia da sua esposa, sua filha e do general Pittié, isto sem divergencias de opiniões politicas, sendo acompanhado n'esta manifestação pelos diversos partidos militantes que se acham representados na sala.

Devo dizer desde já que Yvonnete é Mlle. Rozita Mauri, primeira bailarina da Opera, a quem o *Figaro* consagrava o artigo de fundo d'um dos seus ultimos numeros, como se a missão d'esta pequenina hespanhola fosse tão sagrada como a do conde de Chambord.

Ora Mlle. Mauri, não é positivamente a creatura ideal, a *mulher visão* que o *Figaro* deixa entrever á imaginação ardente dos assignantes da provincia e do estrangeiro; não senhor: Rozita é baixinha, pouco elegante, o mesmo pouco juvenil e talvez um quasi nada feia. Sou o mais amavel que em consciencia me é possível para com a mulher.

Agora da bailarina devo dizer que nunca pernas mais *inspiradas*, d'uma elasticidade mais doce e d'uma nervozidade mais rija foram postas ao serviço da inspiração d'um poeta! François Coppé deve estar satisfeito por ver o modo por que Rozita interpreta a obra de sua fantasia, unicamente firmada sobre o dedo grande do seu pequenino pé, resvalando vertiginosamente pela sala como um sylpho pela superficie espelhada d'um lago...

Vulgar e pouco caracteristica como hespanhola a *señorita* Mauri, em definitivo admiravel como arveloa!

Mas prosigamos.

Yvonnete é amada não só — provavelmente — pelos que frequentam o foyer, como tambem, segundo o libretto, por um bailarino que, de quando em quando, entra em scena a dar saltos de verdadeiro endemoninhado. Ha um monstro de sineiro d'aldea que tambem a adora, e d'estas duas afeições é que resulta a complicação dramatica necessaria para dar um pretexto a todos aquelles acontecimentos coreographicos.

Por fim, depois de ter dançado muito, Yvonnete dá a mão de esposa ao primeiro bailarino, e o sineiro é arremessado a um buraco do palco pelas korriganas justiceiras.

O leitor provavelmente continua a não perceber o enredo, o que da mesma forma me acontece a mim, não obstante a sr.<sup>a</sup> Rozita Mauri ter feito todas as diligencias possiveis para se explicar bem pela mimica.

Tem muito *talento* Mlle. Maury, dizem as chronicas parizienses. Ora, eu não sei se se deva chamar *talento* a semelhante manifestação de destreza, da mesma forma que julgo seria improprio chamar *genio* ao *bruxo* que fia vidro ou ao funambulo que engole espadas. Agora se uma bailarina pode ser *inspirada* Mlle. Rozita Mauri o é com certeza.

O que é incontestavelmente encantador é a *mise-en-scène* da *Korrigana*, d'uma fantasia unica pelo que respeita aos vestuários, d'uma verdade prodigiosa pelo que respeita ás vistas do primeiro e segundo acto. N'este sobretudo o espectáculo d'uma grande *lande* da Bretanha, vista ao anoitecer com a sua fileira de *dolmens*, as suas arvores seculares, o seu tom de melancolia lendaria, dá-nos

uma ideia perfeita dos prodigiosos recursos de que dispõe a scenographia moderna.

A musica da *Korrigana* é de Charles Widor, e Charles Widor é organista de S. Sulpice, a igreja em Pariz dispõe dos conegos mais authenticos como productos ultramontanos. Eu temo denunciar Widor ás iras da Collegiada, dizendo que provavelmente a inspiração da *sabotiere* lhe acudiu no momento em que acompanhava distrahidamente os psalmos dominicaes; entretanto começo a convencer-me de que o demonio esté acororado no fundo sombrio das naves da igreja sem medo da agua benta, o patife!

Voltaire achou lá em menino o seu riso mephistophelico, agora á ultima hora, o organista Widor encontra na sachristia de S. Sulpice os motivos risonhos do *Korrigana*!

O demonio é se Widor algum dia, por equivoco, principia a tocar a musica da dança e os fieis vão encontrar a collegiada em flagrante delicto de *sapateada*.

Para que perigo havias de tu estar guardado no mundo ó beatífico S. Sulpice!...

\*  
\* \*

Na *reprise* do *Jean Baudry*, na comedia franceza, admiraram-se de novo as solidas qualidades d'este bello drama de Vacquerie, um pouco esquecido da nossa geração, mas nem por isso menos susceptível de ser apreciado por ella.

É magnifico o desempenho de *Jean Baudry*, especialmente por parte de Got, de Mlle. Bartet, a nova ingenua, a quem quizeram apresentar como successora de Sarah Bernhardt, mas que na *Iphigenia* mostrou ultimamente possuir uns hombros frageis de mais para poder com o largo manto da tragedia. Mlle. Bartet é uma actriz essencialmente moderna, muito paraziense e muito nervosa, comprehendendo perfeitamente todas as figuras do seu tempo, mas de um temperamento improprio para se encarnar nos vultos biblicos. Veste admiravelmente um vestido talhado na Chaussé d'Antin; o que não sabe usar é a chlamyde talhada no guarda-roupa do theatro. Assim foi tão adoravel n'este drama quanto tinha sido desastrada na grande peça de Racine.

Mas a novidade theatral das ultimas 24 horas não é já esta; é a primeira da comedia em 3 actos *Divorçons*, de Victorien Sardou e Najac, representada no Palais-Royal.

Como é de ver os auctores tratam a gargalhada o problema que nos ultimos tempos tanto preoccupa os pensadores, especialmente o sr. Naquet. Ha uma mulher casada que tem um primo romanesco que a corteja, o primo, para a demover das virtudes domesticas, annuncia-lhe que a camara acaba de votar a lei do divorcio. Assim se o marido descobrir a traição ha um remedio facil. A pobre senhora acredita-o, o marido descobre a giria do primo mas tem a feliz lembrança de se servir d'esta mesma arma para segurar a virtude vacillante da esposa. Mostra-se feliz com a nova lei. Feliz por se poder enfim descartar da mulher e esta começa a ter ciumes a sentir-se humilhada pelo desprezo do marido. Sente que o ama e resolve *conquistal-o*, a ponto de no terceiro acto os dois, esposo e esposa, como se fossem dois amantes, jantarem ambos em *gabinete particular*.

O primo é que fica com cara de tolo, como se n'estes casos fosse elle o marido atraídoado.

Esta comedia é uma saborosa *farça*, Sardou, na sua gravidade academica, chegou mesmo ao ponto de se exceder ás vezes. No *Divorçons* a moral familiar soffre de quando em quando um quasi nada, mas a barriga do espectador, á força d'elle a ter apertada no fluxo e no refluxo da gargalhada, ainda soffre mais.

No Gymnasio *Les braves Gents*, de Gondinet, representam um pequeno desastre. Na primeira noite todavia tiveram um bello successo... os vestidos das actrizes.

Alem dos phenomenos da politica, patenteam-se actualmente á admiração publica, nas *Folies Bergère*, um gigante russo e uma anã de nacionalidade desconhecida; ao *Skating Theatre* acaba de chegar com o fim de ganhar honestamente a sua vida como phenomeno africana uma princeza filha do rei do zulus.

Respeitemol-a e entreguemos-lhe o *franco* da nossa admiração. Não nos devemos rir. Quem sabe se ainda chegará um dia em que os descendentes dos nossos monarchas, para ganharem o pão dos

seus filhos, terão de se ir mostrar como phenomenos nos theatros da Zululandia?

\*  
\* \*

A Providencia continua a ser para com os parisienses a mais benevola que se pôde conceber. Parece que este anno teremos completa abstenção de gelo, a não ser o gelo necessario para os patinadores do *Bois* mostrarem as suas prendas. O Jardim da Aclimação annuncia uma tribu de esquimaus, mas n'esta quadra que vae correndo, com o thermometro a um acima de zero, os pobres esquimaus arriscam-se a morrer de insolação!

A Alboni deve hoje cantar na opera n'um beneficio da Associação dos artistas. Será este o canto de cysne da celebre cantora que assim fecha definitivamente a sua carreira de triumphos, praticando uma acção muito melhor do que provavelmente a aria que vae proporcionar á opera.

—Foi um elephante que engoliu um rouxinol, disse uma vez da Alboni uma mulher inspirada.

Hoje o rouxinol expirou; enquanto ao elephante é hoje a derradeira noite em que as multidões lhe entrelaçarão flores na tromba!..

GUILHERME DE AZEVEDO.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

### O QUE EU QUERO

Conservo 'inda na mente os pensamentos  
Idyllicos, ingenuos do passado,  
Que mais n'est'alma pura tem viçado,  
Na longa escravidão dos soffrimentos.

E tu Deusa fatal, aos meus intentos,  
Não prestas um signal do teu agrado!  
Abusas inclemente do meu fado  
Sem dar-me d'este culto alguns proventos!

O ceu não é p'ra mim, nem taes bellezas;  
São falsos os sorrisos dos archanjos!  
Eu quero... não direi o amor dos anjos—  
Eu quero... cinco libras p'ra despesas.

MODESTO BENÊT.

## RUMORES DOS PALCOS

### CONTOS DE HOFFMANN

Uma diabrura typographica fez do sr. Chondens o sr. Chardon! Felizmente, houve logo na imprensa um avisado que mesmo antes de sair o n.º 8 das *Ribaltas* destrocou os nomes. Mil agradecimentos!

\*  
\* \*

A graciosa actriz Esther, cujos progressos maravilharam a pesoa que escreve estas linhas, por occasião de a ver ultimamente no *Ultimo figurino*, nos *Tres dragões* e nos *Dragões d'el-rei*, realisa o seu beneficio de escriptura com a *Perichole*.

Esther é hoje uma das *étoiles* da opereta, o que significa que o theatro da Trindade converter-se-ha esta noite em um céu... de camélias e violetas.

\*  
\* \*

A espiituosa comedia de Bento Moreno, *O grande homem*, que subiu á scena no theatro de D. Maria em beneficio de Joaquim de Almeida, obteve um grande exito.

A falta de espaço inhebe-nos de lhe dedicarmos um artigo especial, o que faremos no proximo numero.

\*  
\* \*

A brilhante actriz franceza, (aliás oriunda da Polonia) Sophia Croizette, que está substituindo na Comedia Franceza Sarah Bernhardt, deixa a poesia do drama pela prosa da vida real. Sophia Croizette vae casar com o banqueiro Stern, sendo a *Princeza de Bagdad* a ultima peça em que representa.

\*  
\* \*

O theatro dos Recreios tem em ensaios uma engraçadissima comedia em tres actos de Blasco, o auctor das *Almas do outro mundo*, que destina ao repertorio do carnaval.

A comedia, que está destinada a um successo de gargalhadas, intitula-se—*Se as raparigas soubessem!*...

\*  
\* \*

Eduardo Pailleron escreveu uma nova comedia em tres actos, que deverá subir á scena no Theatro Francez.

\*  
\* \*

A *Nana*, a despeito dos assobios e dos protestos do publico sensato, deu ao Ambigu, nas dez primeiras recitas, a receita fabulosa de 62:653 francos (11:277\$540 réis).

\*  
\* \*

O *Mephistopheles* de Boito, um bello triumpho da grande virtuososi. Borghi-Mamo, cantar-se-ha brevemente em S. Carlos.

\*  
\* \*

O *luxo*, drama do eminente escriptor o sr. Antonio Ennes, já não sobe á scena em beneficio da distincta actriz Emilia dos Anjos. Parece que a nova composição do sr. Ennes, a que está de certo reservado um grande exito, só mais tarde se representará.

\*  
\* \*

Representa-se actualmente no Rio de Janeiro a tragedia burlesca em 5 actos, *O rapto da bella Helena*.

\*  
\* \*

Despontou uma nova estrellia no céu da arte. Acaba de estreiar-se em um dos theatros de Italia a joven artista americana, Alina Sardini, obtendo um successo doido na *Traviata*.

\*  
\* \*

A actriz Apollonia, a primeira actriz brasileira, *d'après l'affiche*, reapareceu no theatro Principe Imperial do Rio de Janeiro na comedia em 5 actos, de Hannequim e Najac, traduzida por Arthur Azevedo com o titulo *Nho-nho*.

\*  
\* \*

Os *Fourchambault* de Augier, traducção de Furtado Coelho, estão em scena no theatro Lucinda do Rio de Janeiro.

\*  
\* \*  
A *Gazeta da Tarde*, jornal fluminense, hostilizou nos seus ultimos numeros, por intermedio de um rabiscador anonymo, a actriz Lucinda Simões. As *Ribaltas* applaudem e são capazes até de auxiliar os despeitos do articulista, comtanto que elles fossem susceptiveis de obter que a actriz Lucinda em vez de representar para a rua do Ouvidor, viesse representar para a rua Garrett.

\* \*  
O imperador da Allemanha offereceu o seu retrato, em tamanho natural e ricamente emmoldurado, á grande cantora Adelina Patti.

\* \*  
Obteve um successo em Madrid, na zarzuela de Marqués, *A mendiga de Manzanares*, a nossa conhecida tiple, Cortés de Pedral.

\* \*  
Far-se-ha ouvir brevemente em Lisboa o afamado pianista Rubinstein.

\* \*  
A Nilson não quiz, durante a epocha actual, accitar escriptura. Só na proxima primavera cantará em Londres. De baixa condição, como a maioria dos marechaes do primeiro imperio, Christina Nilson elevou-se, mercê do talento e do estudo, a uma posição eminente. A diva walsa hoje com principes e frequenta os salões dos mais opulentos capitalistas do mundo.

### Whittoyne

Quem ha que não conheça em Lisboa Whittoyne?

Quando não fosse a graça inimitavel e insubstituivel do clown, bastava ter elle dado o nome, a idéa, e mais do que isso, parte da alma, o melhor da vida, ao unico divertimento popular que existe em Portugal.

Os Recreios deveram-lhe tudo: é certo que não lhe deram mais do que em geral costumam dar-nos aquelles que enchemos de beneficios...

Mais uma razão, para que sejamos nós, nós o publico, a maioria, a multidão, que saldemos a divida levando á existencia d'aquelle bom velho que ri alegremente por entre as maguas do infortunio, como os pintarroxos que saltitam e cantam nos beiras quando a neve cãe, o jubilo incomparavel de se sentir amado.

Whittoyne faz um beneficio no Price, em a noite de 24 do corrente. Façamos d'esse beneficio a festa de todos nós. Levemos-lhe palmas, applausos — o lado agradavel — levemos-lhe dinheiro — o lado util — e sobretudo provemos-lhe que o portuguez, o povo inclinado a sentimentos brandos, o unico que inventou a palavra *saudade* porque não houvesse outra que melhor exprimisse a separação do ente amado, não esquece os seus artistas predilectos.

E isto é tanto mais facil quanto é certo que o programma da festa é verdadeiramente tentador.

Oçam e julguem:

Atriu do Circo competentemente ornamentado, fogo de morteiros no jardim, das 7 ás 8 e meia horas da noite. — Um brinde a todas as senhoras, um mimo a todas as crianças — Circo perfumado... como as luvas do Centro Commercial.

Além d'isso, o palhaço popularissimo que encheu a calçada do Salitre com o echo das ovações ruidosas, offerece aos seus convidados, á frente dos quaes, espera elle, que figurem Suas Magestades, valiosissimos premios, distribuidos á sorte:

8:000\$000 em perspectiva n'um bilhete da loteria portugueza.

Um porco vivo (180 kilos) trajando vistosas galas.

O espectáculo, composto, dirigido e executado pelo beneficiado, constará entre outras cousas, do seguinte:

*Cabalismo humoristico*, gracioso intermedio comico por H. Whittoyne, Tony Grice e Honrey.

*O celeste imperio*, scenas orientaes, bailados, jogos caracteristicos, carroussel, por 12 artistas e 8 cavallos.

*Sambo pochade*, por 4 damas e todos os clowns, terminando por um cancan vertiginoso.

*Fra Diavolo*, episodio mimico, por toda a campanhia.

Os cartazes, illustrados por Bordallo Pinheiro, indicarão o resto.

\* \*  
\* \*

Está definitivamente assignado o contracto com a *troupe* franceza que vem cantar para os Recraios. Os espectaculos entre os quaes figurarão as mais applaudidas operas comicas do repertorio francez, começam no mez de abril.

## GASTRONOMIA

COELHO Á AMERICANA

A maioria das receitas que offerecemos aos nossos leitores são inteiramente originaes e fornecidas pelos mais célebres cosinheiros. Este prato é um dos triumphos da grande cozinha do padre Lathuille.

Rogério de Beauvoir cantou-o e o barão Brisse saboreou-o bastantes vezes mas sem nunca ter obtido a receita.

Obtivemol-a nós, e vamos desde já communicar-a aos leitores:

Corte-se um coelho em bocados. Derreta-se um bom naco de toucinho, afogue-se depois o coelho, temperando-o com sal e pimenta de Cayena. Deixe-se coser morosamente, junte-se-lhe a porção equivalente a uma colher de café moído de echalota, uma pitada de estragão e uma colher de gelado de carne.

Misture-se tudo e sirva-se muito quente.

ANTONIO DE LISBOA

## HISTORIA DE UM GATO PRETO

5.º SONETO

Falla o pae da pequena:

Oh! que não sei de raiva como o conte!...  
E comprei isto tudo... olhem que pena!  
P'ra ver se conseguia que a pequena  
Agradasse ao visinho alli defronte!

Espatifei de libras alto monte,  
Dois predios empenhei em Barcarena,  
Abandonei os ares de Alcolena,  
Poupei no vestuario... e no simonte!...

E p'ra que foi tal gasto e tal fadiga?...  
Para soffrer, por fim, este revez  
Que a dar murros em mim proprio me obriga!

Desgraçado de mim! pobre burguez!...  
Perdeu o casamento a rapariga...  
E perdeu a fregueza o 1.ºB.

(Para a semana o sachristão).

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

**RIBALTAS E GAMBIARRAS**  
REVISTA SEMANAL  
Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

**PREÇOS**

Cada numero . . . . . 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura  
Lisboa Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 25000 réis  
meros . . . . . 300 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-  
xeira e Moraes Calabre—93, Rua dos  
Ourives, 93.

Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

Depósitos principaes:  
Lisboa

Azevedo & Irmãos  
R. Larga de S. Roque, 32

**AGUA ALCALINA GAZOZA DE VIDAGO**  
EMPRESA AUCTORISADA PELO GOVERNO

Esta agua, uma das mais ricas da Europa e premiada nas exposições de Vienna d'Austria, Philadelphia e na de Paris com a **medalha de ouro**, é empregada vantajosamente no tratamento das affecções do figado, das vias digestivas, do systema lymphatico, colicas, pedras, calculos biliarios e urinarios, catarrho de bexiga, gota, diabetes, ictericia, abrem o appetite e facilitam a digestão. Tomam-se duas vezes ao dia uma hora antes da comida e tambem póde usar-se, muito vantajosamente misturada com o vinho, o que, alem de ser agradável ao paladar, evita os encommodos da digestão.—A empresa garante a pureza da agua vendida nos seus depositos: Cada garrafa além da etiqueta, tem na rolha, a marca de fogo, **E. A. de Vidago**, e na capsula de metal, em volta da corôa **Deposito d'Agua de Vidago. Empresa auctorizada pelo governo.** Convem que o publico attenda a estas indicações para não ser illudido. Preço por garrafa de litro 240 réis—de 1/2 litro 200 réis—de 1/4 de litro 120 réis—faz-se abatimento na venda em caixas de 50 ou 100 garrafas.

Pharmacia do hospital  
B. F. A. G. A.  
Escriptorio da empresa Lisboa  
Largo da Abegoaria, 28 Lisboa

Porto  
Mocidade Vaz  
Preparados Voluntarios da Rainha, 19, 1.º

!!!Hygiene, Mocidade, Belleza!!!

**AGUA CIRCASSIANA**  
DE HERRINGS & C.<sup>A</sup>  
48 ANNOS DE EXITO EM TODO O MUNDO  
13 de exito em Portugal

Unica usada por todas as familias reaes e nobreza da Europa. Approvada pelos medicos mais eminentes de todos os paizes. As vantagens que todas as pessoas obtem com o uso da **agua circassiana** são as seguintes: Completa renovação do cabelo branco á côr primitiva. louro, castanho ou preto. Evita a queda do cabelo. Conserva o cabelo e o casco, livra da caspa, provoca a nascença e crescimento do cabelo, destroe os effeitos nocivos das tinturas corrosivas, tornando-o á sua primitiva robustez.

**Cautella com as falsificações e imitações nocivas**

**Renovação natural da côr do cabelo**

É sabido de todos que o cabelo embranquece á medida que a força vital se esgota nas balbas pilosas, n'algumas pessoas isto é só devido á idade, n'outras porém a doença ou desarranjos no organismo, pois bem, a **agua circassiana** identica a força vital perdida, basta ser applicada e absorvida pela raiz do cabelo; para dar-lhe a força e rebustez necessaria, estando esta bem saturada pelo elemento que faltava, o cabelo vae adquirindo nova força, brilho e finalmente toda a côr primitiva. Nas tintas e preparados corrosivos o cabelo é carbonizado, exteriormente o que vae apparecendo é branco, por isso que a sua applicação na superficie cutanea, destruiria a raiz. A **agua circassiana** é tudo ao contrario, o effeito é interno, a sua applicação na superficie cutanea robustece a raiz, e o cabelo apparece já com a côr primitiva que sae renovada interiormente. Todas as pessoas podiam evitar ter cabelos brancos usando da nossa **agua circassiana** uma vez só em cada mez, como perservativo, milhares de pessoas que por nosso conselho seguem este tratamento nada incommodo e pouco dispendioso, resolveram o grande problema de conservar a mocidade, apparecendo sempre com o cabelo da mesma côr.

**Deposito geral para a venda por grosso e retalho:**  
**Pharmacia Rodrigues—110, Rua Nova da Palma, 116**

**A' venda:** Pharmacia Barral, rua Aurea, 120; Pharmacia Azevedo, Rocio, 31 e 32; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 194; Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>, rua do Arsenal; Perfumaria Magrinho Rocio, 34.

**RIBALTAS E GAMBIARRAS**  
REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS  
**Na Livraria ZEFERINO**  
87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa  
**CADA ESPAÇO 400 RÉIS**

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

**CASA GARRETT**

Sortimento DE Tomam-se  
de vinhos e licores, nacionaes e estrangeiros cognacs, champagnes, etc. **REMBADO & C.<sup>A</sup>** encomendas de lunches, jantares e soirées, serviços completos ou incompletos

112, Rua Garret, 14 (Vulgo Chiado)

Acaba de receber um grande fornecimento de bonbons fondants, fructas crystallizadas sortidas, bonbons framboises, nougatinas, especialidades de cigarros de chocolate, e amendoas sortidas. Patés de foies gras.

**VESTIDOS PARA SENHORAS**  
Bonito sortimento  
CONFECCIONADOS PELOS ULTIMOS FIGURINOS, DESDE  
**9\$000 a 20\$000 réis**  
Em 48 horas fazem-se em todos os preços e qualidades  
**JOSÉ BERNARDINO DE SOUSA**  
9, LARGO DO LORETO, 10—(vulgo largo das Duas Igrejas)

**GRANDE SORTIMENTO**  
DE  
**ARTIGOS DO CARNAVAL**

Mascaras em seda, veludo, paninho, cera e cartão. Bisnagas e borrachas com diversas essencias, ditas vasias, tubos de borracha, pó brilhante, dourado e prateado, etc. etc.—Preços reduzidos, desconto para revender.

Loja de Quinquilherias de C. A. Magiolo  
**Chiado, 20, a 24**

**MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE**  
**PROPRIETARIO**  
**CESAR DE NORONHA**

**VENDE AVULSO E ASSIGNA**  
**PARA TODOS OS JORNAES DE PARIS**

**146, RUA DO OURO, 2.º**

**EL MUNDO ILLUSTRADO**  
BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

**HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA**

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto muitas gravuras perfeitissimas

**BRINDES TODOS OS MEZES**

**PREÇOS**  
Trimestre . . . . . 2\$330 Semestre . . . . . 4\$560 Anno . . . . . 9\$120

Recbem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S Bento n.º 218.